

ZÉ LUIS, ARQUITETO

O arquiteto José Luis Leporace Silva, o Zé Luis, foi um dos mais importantes arquitetos da cidade de Franca na segunda metade do século passado. Aposentado, sua obra e suas ideias de projeto permanecem vivas, são mais de duas mil construções com diversos usos diferentes espalhadas pela cidade e região. Formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP em São Paulo em 1962, foi aluno de Vilanova Artigas e tantos outros mestres da chamada “escola paulista” de arquitetura. Recém-formado, logo voltou a Franca para abrir um movimentado escritório de projetos e construções.

Seu trabalho de graduação à FAU foi construído em 64-65, a casa que pertencia à família Rafael Puglia na Avenida Presidente Vargas, ao lado da casa dos meus sogros, mas não é o único motivo pelo qual a conheci bem enquanto funcionou como moradia. É que depois a casa foi comprada pelo Hygino Archetti, que foi meu cliente e estive várias vezes lá. A casa tinha uma piscina que adentrava o prédio de dois andares e, na frente, havia um conjunto de vigas gigantesco que encimava uma laje-varanda, de onde se podia ver o movimento da via pública, uma atualização modernista (já demolida) do velho alpendre das casas antigas da velha Franca do Imperador.

Zé Luis sempre foi conhecido pela sua competência profissional e também pela imaginação fértil, às vezes exagerada, como num estudo dos anos 90 que fez para um centro de convenções que teria formato de diamante, nunca executado. Acompanhei de perto sua fase dos anos 70, quando criou um sistema construtivo que repetia nas moradias de classe média que projetou às centenas pela cidade. O sistema consistia num conjunto modular de pórticos em concreto armado construídos in loco com a inclinação da cobertura. A laje mista do forro acompanhava a inclinação e as telhas da cobertura cerâmica eram colocadas sobre essa laje. Com a estrutura independente da alvenaria, os vãos eram fechados com tijolos maciços de cerâmica aparente. Essa concepção modular ele distribuiu por todos os bairros de classe média da cidade de então. Na época, era estudante de arquitetura e fiz estágio em seu escritório durante curtas férias de final de ano, Zé Luis acabou sendo responsável pela obra da casa de meu irmão, meu primeiro projeto, pois ainda não tinha a carteira do CREA.

Noutro dia, caminhando para o estádio da Francana no bairro São José, deparei com duas destas edificações em bom estado de conservação, com suas características de projeto ainda intactas, que ilustram bem o sistema que o Zé Luis disseminou. Construiu suas melhores obras naquele período (anos 60-70), como a bela e imponente casa de um gerente de banco na avenida Major Nicácio ou a sede do Clube de Campo. Ao mesmo tempo, a casa que projetou para si nunca foi concluída, com uma cúpula envidraçada. Outros tempos, quando a cidade tinha quatro ou cinco arquitetos na ativa.

Mauro Ferreira é arquiteto